



**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM TERAPIA TRANSPESSOAL**

VERA LÚCIA SPÍNOLA EÇA

**VÍNCULOS ENTRE A VIOLÊNCIA FÍSICA CONTRA
CRIANÇAS E A CRESCENTE VIOLÊNCIA ATUAL**

Salvador BA
2009

VERA LÚCIA SPÍNOLA EÇA

**VÍNCULOS ENTRE A VIOLÊNCIA FÍSICA CONTRA
CRIANÇAS E A CRESCENTE VIOLÊNCIA ATUAL**

Monografia apresentada ao Instituto Superior de Ciências da Saúde (INCISA) como requisito parcial para obtenção do título de Pós-Graduação em Terapia Transpessoal.

Orientadora: Prof^a Maria Nina Couto Coutinho

Salvador
2009

Vera Lúcia Spínola Eça

**VÍNCULOS ENTRE A VIOLÊNCIA CONTRA AS CRIANÇAS E
A CRESCENTE VIOLÊNCIA ATUAL**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Pós-Graduado em Terapeuta Transpessoal no Instituto Superior de Ciências e Saúde pela Banca Examinadora formada pelos seguintes professores:

Professor

Título

Instituição

Professor

Título

Instituição

Salvador-BA
2009

**“Pensamos em demasia
e sentimos bem pouco
mais do que máquinas
precisamos de humanidade.
Mais do que inteligência
precisamos de afeição e
doçura, sem essas virtudes,
a vida será de violência e
Tudo será perdido.
Não sois maquina!
Sois homens”.**

Charles Chaplin

AGRADECIMENTOS

Para Amândio, meu esposo, pelo incentivo e apoio permanente, para meus filhos Eduardo e Luciano, pela compreensão e carinhos constantes, toda a minha gratidão e respeito. Para a minha orientadora Nina, pelo incentivo e carinho e para todas as crianças e instituições que de algum modo direto ou indireto contribuiu para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho busca contribuir para a reflexão sobre os vínculos entre violência física contra crianças e a crescente violência da sociedade atual e demonstrar que essa prática é uma forma de relação social atrelada ao modo como as classes sociais expressam suas relações interpessoais. O maior problema dessa prática é tornar sujeitos em objetos. Pretende-se ainda salientar que não há educação desvinculada do gesto de cuidar e proteger a criança nos aspectos físicos e psicológicos. Educação envolve a proteção de sua integridade física e emocional, entretanto, apesar do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) estar em vigor, pretende-se alertar que o fenômeno da violência contra crianças continua presente no contexto familiar, perpetuando e fomentando a violência social. Visa-se também refletir sobre as consequências e significados das experiências traumáticas da violência física contra a criança e a postura da sociedade diante do fato, o qual é um paradoxo que precisa ser descontinuado para que as crianças sejam olhadas com inteireza. Esta investigação põe em evidência o fato que todas as crianças necessitam de afeto e cuidado, independente da classe social. Este trabalho foi realizado com o intuito de alertar que não basta dispor de teorias, é preciso estratégias, habilidades e vontade para mudar de paradigma e atitude em favor das crianças vitimizadas e espancadas sistematicamente.

Palavras chaves: Violência. Criança. Violência física. Classes sociais.

ABSTRACT

This paper aims to contribute to a reflexion about the links between physical violence and the increasing violence in the current society, and demonstrate that this practice is a way of social relation joined to the way social classes express their interpersonal relations. The greatest problem of this practice is turning individuals into objects. The present work has also as target demonstrating that there is no education without taking care and protect the child in the physical and psychological aspects. Education involves protection of their physical and emotional integrity, however, in spite of the ECA (Estatuto da Criança e Adolescente) is into effect, it is necessary to alert that the phenomenon of violence against children is still present in the familiar context, perpetuating and fomenting social violence. Another objective is to reflect upon the consequences and meanings of the traumatic experiences of physical violence against the child and the position of society towards this fact, which is a paradox that must be deconstructed in order to be able to look at children entirely. This investigation evidences the fact that every children ought to have love and care, despite of social class. This work was done to warn that theories are not enough, but it is also necessary strategies, abilities and the will to change the paradigm and attitude in favor of victimized and systematically beaten up children.

Keywords: Violence; Child; Physical violence; Social classes

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	MAPEANDO A PEDAGOGIA DA VOIOLÊNCIA	14
2.1	A origem do ciclo da violência	14
2.2	Perfil evolutivo das famílias brasileiras	15
2.3	As transformações sociais pós Industriais e o novo paradigma	18
2.4	Tipos mais comuns de agressões contra crianças	22
2.5	Sintomas presentes em crianças agredidas	23
2.6	Conseqüências das agressões em crianças	24
2.7	Efeitos da violência contra criança	24
2.8	Sentimentos desenvolvidos pelas vítimas	25
3	VIOLENCIA CONTRA AS CRIANÇAS UM CICLO QUE PERPASSA GERAÇÕES	27
3.1	A Ideologia da eficácia dos castigos físicos	27
3.2	O Contexto mais comum da violência conta as crianças	28
3.3	A violência e as classes sociais	29
3.4	A família nuclear e a ideologia do tapinha estruturante	30
3.5	Modelo educacional holístico	30
3.6	O pacto de silêncio respaldado pela sociedade	36
3.7	Reações defensivas das crianças agredidas	37
3.8	A Memória Corporal	38
4	BRINCAR ATIVIADE FUNDAMENTAL E ESTRUTURANTE	39
4.1	Criança gosta e precisa brincar	39
4.2	Trabalho de criança deve ser estudar e brincar	40
4.3	Inteligência interpessoal e o enfrentamento de conflitos	41
5	CONCLUSÃO	45
	REFERÊNCIA	47

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho atende a exigência do Curso de Pós-Graduação em Terapia Transpessoal, ministrado pelo **INCISA**(Instituto Superior de Ciências e Saúde) e Grupo Omega de Estudos Holístico como pré-requisito para obtenção do título de Pós-Graduação em Terapeuta Transpessoal.

A motivação do tema **Vínculos entre a violência física contra as crianças e a crescente violência da sociedade** originou-se das entrevistas realizadas e de atitudes presenciadas numa comunidade da periferia de um bairro de Salvador.

Pretende-se com este trabalho demonstrar a importância de um olhar especializado e transpessoal, para as questões da violência física contra crianças de um bairro periférico de Salvador, o qual por questões de sigilo denominamos (**mandarim**) e que há uma estreita relação entre a prática da violência doméstica em crianças e a crescente violência da sociedade atual.

Objetiva-se também refletir sobre a configuração da dinâmica social da violência física contra as crianças e ampliar a voz e o silêncio de milhares de crianças vitimizadas, humilhadas e espancadas sistematicamente, dentro de seus próprios lares, onde a relação pai e filho se deteriorou-se e encontra-se permeada de violências.

Considerando a amplitude de definições sobre violência, neste trabalho, o termo violência, será sinônimo de agressão física às crianças, mesmo com intenção de educar, uma vez que o convívio cotidiano com a violência, brutaliza as crianças e deixam em seus corpos seqüelas inesquecíveis.

Os diversos autores pesquisados consideram violência contra a criança: bater, sufocar, aterrorizar, esganar, zombar, ameaçar, morder, puxar as orelhas, dar cascudos, puxar os cabelos, não atender as necessidades de alimentação, saúde, repouso e lazer,

privar das relações sociais, inculcar medo, castigos constantes, disciplina muito rigorosa e violência sexual com ou sem toque.

Percebe-se que a prática da violência contra as crianças está atrelada ao modo como as classes sociais constroem e expressam suas relações interpessoais, tornando sujeitos em objetos e perpetuando assim o ciclo da violência social.

Pretende-se avaliar as dimensões dos sintomas gerados por essa prática fortemente patriarcal e demonstrar que a violência que ocorre nos segredos das relações é imitada e perpetuada pelas gerações seguintes em permanente ciranda.

A agressividade é um fenômeno de muitas causas e conhecido de todos. No entanto, ainda é desconhecido para muitos, que o contexto onde a violência ocorre com maior frequência é no seio familiar, onde há muito se percebe que os filhos agredidos sistematicamente passam a usar respostas aversivas como tática para resolução de conflitos, perpetuando a violência na sociedade.

A relevância deste trabalho portanto é trazer à tona, todo o horror que a sociedade se depara, ao concluir que violentados e violentadores são ambos vítimas de um ciclo que mantém o padrão de violência. E o país ainda não possui leis e políticas públicas eficazes em relação ao assunto. Este padrão arcaico precisa ser desfeito urgente, pois a perpetuação dessa prática, fomenta cada vez mais violência na sociedade.

Para atingir o objetivo deste trabalho de forma organizada, estruturada e para elucidar as questões norteadoras da pesquisa, este trabalho foi estruturado em três partes.

Na primeira foi realizada pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica através de fontes primárias e secundárias onde os conceitos sobre a violência contra as crianças foram aprofundados.

Na segunda parte, foram utilizados como ferramenta de investigação a realização de entrevistas qualitativas com quinze famílias e 109 crianças, com faixa etária entre 2 e 5 anos, do bairro Mandarin em Salvador, no período de março a novembro do ano de 2008.

Para estabelecer a crítica de nosso trabalho, delinear o perfil dos entrevistados e propor mudanças, não nos limitamos apenas a bibliografias e entrevistas.

Esta pesquisa oportunizou a vivência prática do fenômeno e o contato direto com as crianças e seus agressores, onde foi oportuno avaliar os desequilíbrios energéticos, que propiciam a somatória de conseqüências dos atos violentos na sociedade como um todo.

As visitas ocorreram nas residências das vítimas ou no Centro de Educação Infantil do bairro onde residem tais crianças, com uma freqüência de duas vezes por semana, o que nos oportunizou contato freqüente com os informantes e com o cotidiano das crianças pesquisadas.

Na terceira parte, a autora participou de observação complementar que oportunizou a chance de acompanhar o comportamento das crianças diante das situações de conflito e atuar numa perspectiva transpessoal, ajudando-as com técnicas e florais adequados.

Durante os trabalhos, foram ouvidos relatos chocantes da realidade vivenciada por ambos os gêneros com faixa etária aproximada de 2 a 5 anos. Os relatos envolvem crianças queimadas com cigarros porque choravam demais, tiveram as perninhas fraturadas, porque se agitavam sem parar, foram surradas, porque pegaram mais um pouco de alimento sem permissão, foram sufocadas com almofadas, porque não queriam dormir cedo, foram agredidas sem saberem os motivos, apenas porque seus pais estavam estressados, foram dopadas para seus pais poderem sair à noite para se divertir, trabalhar ou consumir.

Com o objetivo de conhecer melhor a população em estudo e estabelecer o perfil dos entrevistados envolvidos com a violência contra a infância foi observado que a situação socioeconômica de 80% dos entrevistados é de renda inferior a dois salários mínimos.

Quanto a escolaridade, 50% possuem apenas 1º grau completo, 15% 1º grau incompleto, 15% possuem 2º grau completo e 20% possuem 2º grau incompleto.

Quanto a suas ocupações sociais 80% vivem na informalidade, ocupam postos de faxineira ou biscateiros, são ajudantes de pedreiro, trabalham na construção civil ou exercem a função de domésticas e cabeleleiras.

Podemos relatar que foram encontrados alguns casos de adolescentes que já exercem o ciclo de violência contra seus irmãos mais novos, contra seus próprios pais e avós, uma vez que se envolveram com o uso de substâncias psicoativas.

Desta forma a autora deste trabalho compartilha o pensamento de diversos autores que o fenômeno da violência está presente em todas as classes sociais, porém é maior a freqüente nas classes menos favorecidas.

As maiores dificuldades encontradas neste trabalho foram: a constatação que embora a violência física contra as crianças seja um fenômeno de largas proporções, que compõe uma série de variáveis, foi muito difícil a coleta de dados, pois se faz necessário o respeito a ética e o sigilo à dor das crianças.

Também foram encontradas muitas barreiras em relação a defesa consciente ou inconsciente das pessoas adultas envolvidas no fenômeno, por vários fatores, não queriam se expor e preferiram omitir-se, mascarar ou negar os fatos, porém, a mais grave de todas as dificuldades, é a própria cultura de violência, onde os agressores não reconhecem o ato de agredir um filho, como sendo violência e sim, um modelo educacional de “amor”.

Azevedo e Guerra (1995) relatam constituir-se um drama silencioso o que pode ocorrer na privacidade das relações abusivas

Portanto, a maior decepção durante esta pesquisa, foi constatar que todos os informantes consideraram o castigo físico como útil e necessário, acreditam que bater nos seus filhos é sinônimo de amor e educação, pois todos eles foram vítimas de seus pais no passado.

Ficou bem delineado para a autora, que **o papel do terapeuta transpessoal** neste contexto é a rematrização destes indivíduos, ajudando-os a liberem sua fé, sua espontaneidade, sua alegria e auto confiança e a aplicação de técnicas transpessoais que possam ajudá-los a estruturar seu EU Superior. Assim como a prática de intervenções profiláticas que envolvam pais, filhos, professores e demais membros da comunidade onde estão inseridos.

Pesquisar e sistematizar conceitos sobre o fenômeno violência intrafamiliar, implica desejar aprender e entender as realidades que enfraquecem um símbolo universal: a família, que deveria ser o porto seguro, mas foi esvaziado, tornando-se um símbolo infanticida, **tipo Urano e Cronos**, que devoravam seus filhos e que aparentemente já tinham sido superados com a evolução, mas que infelizmente ainda encontram-se presentes na sociedade atual.

2 MAPEANDO A PEDAGOGIA DA VIOLÊNCIA

2.1 A origem do ciclo de violência contra criança

Ferrari e Vecina (2002), apontam que a sociedade brasileira ao contrário do que imaginamos, sempre foi **violenta**”.

A história da educação nos revela que desde o início dos tempos a negligência, o abandono, a rejeição e a violência sempre estiveram presentes na vida das crianças brasileiras, foram por muito tempo consideradas seres sem nenhuma importância.

Freiry (1987) em seu livro Casa Grande e a Senzala relata a história dos filhos de senhores que desde cedo recebiam castigos físicos brutais com cipós, palmatórias, galhos com alfinetes nas pontas e cinturões, como forma para obedecerem a seus pais cegamente.

Neves(1992) comenta que a violência das crianças escravas que além dos castigos físicos terríveis, recebiam máscaras de flandres, passavam por abusos sexuais, eram acorrentadas ou se transformavam em objeto de brincadeiras brutais dos filhos dos senhores.

Guerra (1998) assinala que o fenômeno da violência física em crianças no Brasil foi introduzido pelos Jesuítas da Companhia de Jesus, que acreditavam na disciplina rígida através do castigo físico.

Possivelmente este modelo é baseado em textos bíblicos que fomentam a violência contra crianças, como exemplo podemos citar a carta de São Paulo aos Hebreus, que é favorável à disciplina corporal de crianças através do açoite, muito embora Jesus tenha dito: **“Vinde a mim as criancinhas”** Lc18,15-17.

O castigo físico foi também pregado por Santo Agostinho, que aconselhava o uso da força física como pedagogia. A própria Bíblia, relata a violência e o sacrifício dos primogênitos, comum e aceito em determinadas culturas antigas.

2.2 Perfil evolutivo das famílias brasileiras

A família é uma entidade histórica de contínua evolução, é um mito dialético e ancestral e sua história se confunde com a história da própria humanidade.

No processo evolutivo a família caminha com dificuldades e acertos, pois é a sede das primeiras trocas afetivas, local de construção da identidade, local dos vínculos afetivos e da individuação, mas também está sujeita em suas relações a eclosões de conflitos, intrincados e complexos.

A família é um espaço onde amor e ódio nem sempre são excludentes, na família nos construímos enquanto sujeitos compartilhando crenças, valores, heranças e segredos, nela nascemos, envelhecemos, morremos e somos únicos e complementares. Portanto, os valores que recebemos neste contexto perduram para toda a vida.

No livro Casa Grande e a senzala, Freyre (1887 " relata que no século passado a família tinha uma estrutura Patriarcal, e o homem ostentava a responsabilidade pela família em todos os aspectos: social, político, religioso e econômico e a mulher era submissa aos mandos do marido e às regras impostas pela sociedade da época".

Na época patriarcal a educação era autoritária e as crianças recebiam duras penalidades e recriações diante das falhas ou desobediências e deviam obedecer cegamente aos seus pais.

As mulheres eram domésticas invisíveis, relegadas à esfera privada e os homens governavam com poderes absolutos e despóticos, afirmando sua masculinidade através do domínio e da opressão.

A sociedade acreditava na supremacia do gênero masculino atribuía-lhe todo o poder, tal suporte o fez crer que é superior a mulher e ao longo da história, instrumentalizou-as, perpetuando sua dominação através das gerações e colocando a família sob os interesses das classes dominantes.

Para a mulher viver uma vida doméstica era preciso acima de tudo, estar privada de direitos como: votar, trabalhar, ter vida social ou pública ou ter vontade própria, pois era considerada incapaz. Foi impedida de expressar suas diferenças e elaborar sua subjetividade, pois as relações eram marcadas por medo, tensão subserviência e poder.

Boff. (2002) comenta que o desejo do homem de dominar a natureza, o levou a dominar a mulher, identificando-a com a natureza, devido o processo natural de gestar a vida.

Englels (1974) relata que a derrota do direito materno foi a grande derrota histórica do sexo feminino em todo o mundo. O homem empenhou as rédeas da casa e a mulher se viu degradada convertida em servidora, transformada em simples instrumento de produção.

O pai era o poderoso patriarca e devido ideologia da época, o sexo era para procriar e a não existência de contraceptivos eficazes, faziam as famílias numerosas, chegavam a possuir acima de dez filhos. A mulher era a “dona de casa” que cuidava da educação dos filhos, mas sempre deixando prevalecer a vontade do pai que era o “cabeça do casal”.

A sociedade era conservadora e cruel com as mulheres e crianças, separavam os filhos entre legítimos, ilegítimos e adotivos, sendo normal e aceitável o abandono dos

mesmos em clausuras, asilos, orfanatos e casas de correção, ou colocados sob a tutela de uma “**mãe de leite**”. A mortalidade infantil era alta, devido o descaso com a infância.

Somente a partir da burguesia século XVII, com objetivo de enfrentar a aristocracia, os filhos dos burgueses começaram a ter mais um pouco de atenção e a partir da Revolução Francesa a mulher começou a aparecer, mas somente na segunda metade do século XX, as mulheres conquistaram a cidadania política e logo após a civil.

Entretanto, as crianças só passaram a ser protegidas após a revolução industrial e somente a partir de **Freud**, foi entendida em seu desenvolvimento psicológico, o que desencadeou uma revolução no campo científico. Ao defender o princípio básico de que a estrutura da mente humana forma-se na infância, demonstrando que a mente não é algo pronto, mas construída ao longo do processo e que envolve vínculos emocionais e afetivos expressos na família, abriu novas perspectivas para a infância.

Mas aqui no Brasil até pouco tempo, era normal pais ou professores surrarem seus filhos, com cintos, cipós, réguas e palmatórias, joelhos no milho e castigos assustadores.

Esse mito de masculinidade superior, sinônimo de saber e poder, dominou as sociedades até a década de 60, antes disso a violência contra a mulher não era nem vista como problema social e sim doméstico, os homens até podiam matar as mulheres em nome da honra.

A grande mudança da família ocorreu a partir da constituição de 1988, que introduziu alterações relevantes no conceito de família e com a implantação do **Estatuto da Criança e do Adolescente em junho de 1990**, a sociedade começou a apreçoar a dignidade da criança e sua radical diferença dos adultos.

Contudo, como aponta o presente trabalho, a situação das crianças melhorou muito, em relação ao passado, entretanto, **a disciplina através de castigos físicos**, ainda está longe de ser prática do passado.

2.3 As transformações da sociedade pós-industrial e o novo paradigma

Com o advento do movimento feminista e a implantação do modelo de família nuclear, a mente da mulher se abriu, ela saiu do isolamento e deu início a uma grande transformação em sua vida e na estrutura familiar como um todo. O novo modelo produziu mudanças significativas na família, na educação dos filhos e na esfera da intimidade conjugal.

As mulheres tiveram acesso ao público e ao social, ao poder formal e ao mercado de trabalho, assumiram o comércio, a indústria, a aviação, a educação, a área militar e o espaço sideral, mas não conseguiram se livrar do labores domésticos e as vezes precisa assumir triplas jornadas.

Embora a linha entre público e privado esteja juridicamente definida, tenha havido avanços e conquistas, a sociedade continua apontando a mulher como responsável pela crise da família, recaindo sobre ela o aumento da criminalidade, a desintegração da família e da sociedade, mas na verdade, as mulheres tiveram que assumir o público sem se desvencilharem do privado.

A mulher foi incorporada ao novo sistema sem lhe ofertarem alternativas ou programas específicos que a ajudassem em seus dois papéis. A mulher saiu do anonimato, mas o sistema patriarcal ainda mantém alguns estereótipos que não permitem que a mulher se desenvolva de forma integral.

É notório que a família continua vinculada ao sistema econômico, pois é no núcleo familiar que reside a força de trabalho, é lá onde são socializados e adequados os salários, é lá onde se constrói o mercado consumidor de bens e serviços.

Surgiram novos modelos de família, novos conceitos, novas estruturas e novas formas de relacionamentos, a história da família se entrelaçou com história da globalização, que diminuiu fronteiras, modificou as idéias, os estilos, os valores, os costumes se misturam e a estrutura de família se redefiniu, mas a **violência contra a criança permaneceu.**

Apesar da Constituição brasileira capítulo 1, tratar dos direitos e deveres individuais e coletivos e garantir que homens e mulheres são iguais em direitos, ainda é muito grande a subordinação, a violência sexual, o tráfico de mulheres e a violência física, contra as mulheres muitas vezes na presença dos filhos .

Ao longo da história, a sociedade tem sofrido profundas transformações em todos os níveis, porém, tem sido uma tarefa difícil e complexa para os pais e responsáveis da sociedade contemporânea criar sua prole solidária, pacífica e saudável, pois a perpetuação da violência gera um ambiente contemporâneo hostil e violento.

Educar os filhos na era pós-industrial, não é fácil, exige inteligência emocional e interpessoal, postura dinâmica diante dos conflitos, empatia, liderança, imparcialidade, compaixão, capacidade de resolução de conflitos e pensamento sistêmico, para encarar os desafios.

Estudos diversos indicam que as atitudes e comportamentos dos pais têm influência decisiva nas características pessoais e sociais das crianças. As relações entre pais e filhos são intensas, complexas e sutis que ocorrem no contexto do lar.

Porém é notável a diferença entre uma criança proveniente de lares autoritários, arbitrários, violentos, permissivos ou super protetores e as crianças de lares democráticos onde a educação é baseada em limites com sólido apoio emocional, lares onde a educação é focada no diálogo e na autonomia, onde cada um participa ativamente dos acontecimentos e assume as conseqüências de seus atos.

Sabe-se que não existem modelos educacionais perfeitos, mas o paradigma da educação holística, sinaliza que para a paz acontecer de fato, é necessário cuidarmos de nós mesmos, dos outros e do planeta. A fonte de paz no planeta está ligada à criação de vínculos, às relações interpessoais saudáveis entre pais e filhos, ao respeito, ao diálogo, ao afeto, a solidariedade, a cooperação, ao reconhecimento das diferenças e a firmeza para mudar as regras quando necessário.

As famílias atuais deixaram de ser herméticas como as do passado, mas a paz só ocorrerá, quando adotarem um pensamento sistêmico na busca da qualidade de vida das gerações futuras.

Quando recorrerem a ações simples do cotidiano doméstico, pois a família é um sistema complexo de relações onde seus membros compartilham o amor o respeito e o pertencimento, mas os conflitos podem se intensificar se não houver diálogo, afeto e respeito.

A criança criada num sistema onde existam regras claras e justas, comunicação eficaz, onde seja desejada, orientada e cuidada num ambiente amoroso, confiável e pacífico, aceitará melhor a si própria, terá capacidade de aventurar-se, falará a verdade, expressará seus sentimentos e temores, pois não terá medo de castigos, de ameaças e represálias, pois confiam em seus pais.

Crianças educadas desta forma serão mais sensíveis, carinhosas, solidárias, pacíficas, terão experiência de vida transformadora, crescerão autônomas e competentes socialmente, serão capazes de ter critérios e capacidade de julgamento e formarão uma nova sociedade.

Pais equilibrados emocionalmente, que utilizem uma educação holística e significativa, não batem em seus filhos, os orientam com diálogos, são tolerantes, empáticos e transmitem confiança e paz.

Conduzem seus filhos com ética, respeito mútuo e ampliam seus horizontes de convivência, ensinam a resolver os conflitos de forma não violenta e estabelecerem vínculos fluidos e seguros nas relações. Ensinam seus filhos a aceitarem positivamente a própria identidade e a ter atitudes de colaboração e respeito com as normas de convivência e consigo mesmo.

Conforme Ruiz (1991) a primeira infância se caracteriza pela formação de núcleos de conhecimentos estáveis, E estes núcleos influirão sobre a maneira de elaborar outras experiências posteriores.

Não defendemos neste trabalho, a **omissão ou a permissividade**, mas um modelo preventivo, pois o lar deve ser espaço de aprendizagem e reflexão e não de violência e crueldade. Entre outros problemas da manutenção da violência, está o **segredo**, que camufla, omite, nega e aprisiona o ciclo da violência em família.

Para a construção de uma personalidade saudável, os filhos necessitam de um quadro estruturante, de referências positivas, de limites e regras claras, onde o adulto tem a obrigação de assumir sua autoridade de pai, (não autoritarismo) para seus filhos se desenvolverem, crescerem, aprenderem e terem autonomia, espírito crítico e prazer em interagir com as outras pessoas.

A criança só poderá crescer com saúde à medida que se desenvolver integralmente por meio de suas experiências, oportunidades e descobertas, manipulando e explorando o meio onde vive e tendo apoio físico, afetivo, social e educativo de seus familiares.

A educação bem sucedida, jamais será através da violência física ou psicológica. Pois caso a criança se aproprie de um contexto vivencial deformado e violento, passará a imitá-lo, perpetuando assim, o ciclo de violência na sociedade, o que cunhamos de **efeito papagaio**.

Azevedo e Guerra (1995) defendem que uma família que apresenta padrão abusivo de relacionamento interpessoal está revelando as cicatrizes de sua história pessoal.

Por tudo isso, fica claro que o equilíbrio emocional dos pais é decisivo para o ajuste social dos filhos. Pais desequilibrados, desarmônicos, ausentes, violentos, autoritários e intransigentes, geram uma sociedade desarmônica e violenta.

Observa-se uma necessidade urgente da introdução de uma educação holística que induzam pais e filhos à conscientização para os relacionamentos saudáveis e pacíficos dentro dos lares, onde cada indivíduo construa sua base de valores e responsabilidades e se veja de maneira positiva no contexto onde está inserido, pois está comprovado que crescer numa família não violenta, promove para o indivíduo competência emocional e social.

2.4 Tipos mais comuns de agressões contra as crianças

Ainda hoje é grande o número de crianças que são submetidas a violência física por pais e responsáveis que utilizando-se da desculpa que estão “**bem educando**”, impetram contra os menores muitas e elaboradas formas de castigos físicos.

Deixando claro seu desequilíbrio emocional e suas atitudes de adultos tiranos, irritados e frustrados que no afã de “disciplinar e educar”, promovem diferentes formas de agressões e violências físicas contra as crianças como:

Chicotadas, açoites com fios, murros, mordidas, pontapés, bofetadas, golpes com paus ou latas que provocam lesões corto-contusas, surras, bolos nos pés e mãos, queimaduras principalmente na boca e mãos, esganaduras, beliscões, sufocamento com almofadas, espancamentos com cinturões, privação nutricional, afetiva ou social, acorrentamento, hostilidade intensa que pode provocar a morte, tudo isso perpetuando a violência e contribuindo para o quadro em que hoje nos encontramos.

2.5 Sintomas presentes em crianças agredidas

Conforme RAMOS, (2000) “É muito comum crianças agredidas fisicamente, apresentarem sintomas físicos e somáticos, tipo onicofagia, enurese, anorexia, problemas intestinais, respiratórios, timidez profunda, agressividade nos esportes, nas brincadeiras, quando adultas, tornam-se agressivos com suas companheiras, com seus filhos, apresentam baixa auto estima e podem desenvolver fobias, conflitos e manias”.

Pretende-se refletir sobre a configuração da dinâmica social de violência física contra as crianças e ampliar a voz e o silêncio de milhares de crianças vitimizadas, humilhadas, espancadas e feridas na alma, dentro de seus próprios lares, onde a relação pai e filho se deteriorou e encontra-se permeada de violências.

As crianças agredidas desenvolvem sentimentos destrutivos, duvidarão do amor dos pais, terão culpa, inferioridade, depressão, negativismo, desatenção, exibicionismo, dissimulação, mentiras, furtos, partem para delinquência ou se identificarão com seus algozes, perpetuando o ciclo de violência.

Crianças agredidas podem desenvolver a “**Síndrome da criança espancada**”, apresentando sintomas como: não brincar, medo de interagir com adultos, medo do toque, apatia generalizada, dissociação e pânico de ambientes conflituosos.

Segundo conselheiros tutelares de Salvador, é muito alto o índice de pais que **espancam** menores de 5 anos, numa fase em que estão aprendendo a conhecer o mundo, a andar, a correr e tem pressa em experimentar.

Uma difícil fase, em que as crianças **têm dificuldades motoras e de comunicação**, por isso não ficam paradas, mexem nas coisas, e se colocam em situação de risco e por esta razão, são considerados pelos adultos como **teimosos, rebeldes, anormais e merecedores de castigos físicos**.

De acordo com RAMOS, (2000) a criança agredida, pode desenvolver mecanismo de defesa que visa desestabilizar o adulto e a família como um todo, sendo que este comportamento é entendido pela família como mau gênio, temperamento ruim ou distúrbio mental.

2.6 Conseqüências das agressões em crianças

Castigos físicos geram pensamentos totalmente equivocados nas crianças, que passam a acreditar que nas relações sociais, conflitos e desejos se resolvem com violência ou disputa corporal, que a força física determina autoridade, que agredir os mais fracos serve como válvula de escape para aliviar o estresse, que a subserviência é igual a respeito e que o castigo físico impõe respeito.

2.7 Efeitos da violência contra as crianças

Um dos objetos de nosso estudo é justamente demonstrar que a criança absorve os aspectos culturais de seus ambientes e os reproduzem na sociedade, **quanto maior o sentimento, maior a emoção que as ações provocam.**

Em todas as ações existem reações e a criança é um ser que pensa, sente, cria, sofre, imagina, imita, adoece e **reproduz**, logo o papel dos pais é preponderante para que as crianças tornem-se adultos saudáveis e pacíficos, pois os filhos tem como referência seus pais.

Nota-se que por ignorância ou cultura, que as pessoas continuam a acreditar que agressão física é educacional. Tem-se observado que muitas bebês de 6 a 8 meses, são agredidos por suas mães com tapas ou beliscões apenas por terem avançado em seu rosto e puxado seus cabelos. A reação das mães é imediata, pois para as mesmas, bebês precisam **“aprender a respeitar os adultos”** quando na verdade, a criança está apenas exercitando seus braços e pernas e o rosto da genitora é o seu campo mais próximo de experimentação. Tais mães esquecem que o bebê está

em formação e o impacto de certas palmadas, pode até lesar seus órgãos ou provocar sérias conseqüências.

Crianças maiores, que convivem constantemente com surras, tapas, e castigos físicos, podem desenvolver a linguagem da dor como estímulo pois, as palavras perdem a força e o gesto de bater se banaliza. Os pais que escolhem a linguagem da dor estão usando o mesmo método que é usado para animais puxarem carroça, ou seja: estão tratando seus filhos como seres irracionais.

Segundo Ramos (2000) "**Os castigos físicos ensinam**

que conflitos, desejos e problemas se resolvem com a força física; que a força física determina autoridade; que devemos sempre revidar as agressões; que é fraco aquele que não agride que a subserviência é forma de evitar conflitos

Os castigos físicos provocam: agressividade nos esportes, agressividade nas relações maritais, timidez e insegurança, perda da auto estima, fobias diversas, conflitos internos. A punição corporal e os pais torturadores são grandes responsáveis **pelas crianças desaparecidas dos lares**, o que torna o mundo mais desigual. A relação com a escola está diretamente ligada aos métodos educacionais da família, quando a violência é alta, prejudica o desenvolvimento intelectual e social da criança e gera conflitos entre professores e alunos".

Portanto, pais que rejeitam seus filhos, os castigam freqüentemente, os humilham na frente de terceiros, os depreciam, não ouve suas queixas, não lhes oferecem brinquedos, não os levam ao médico ou a escola, **não podem desejar paz para o planeta**. Pois as conseqüências de seus atos serão terríveis para o planeta como um todo.

2.8 Sentimentos desenvolvidos pelas vítimas

A criança humilhada, agredida e violentada por seus pais, desenvolverá como defesa sentimentos contraditórios de ódio e amor pelo agressor, repulsa, medo, raiva, revolta e desejo de vingança.

Sabe-se que a socialização produz a interiorização e os pais são modelos a serem imitados por parte dos novos membros, sejam normas, valores, ações ou práticas, muito embora se sabe que as crianças interagindo com o meio modificam velhas idéias.

Duarte e Arboleda (1997) alertam “que como **conseqüências imediatas da violência na infância** podem ocorrer dificuldades escolares, relacionais, comportamentais e até problemas psicossomáticos. Podendo ainda ocorrer isolamentos sociais, delinqüência, problemas físicos, resistência ao afeto, diminuição da auto-estima, conduta agressiva, (imitação dos pais) e alteração do desenvolvimento cognitivo”.

Conseqüências à longo prazo deixam seqüelas físicas, quando adultos, tornam-se pais agressivos, declinam-se para a delinqüência ou partem para o consumismo desenfreado, para a corrupção ou suicídio, sendo comum apresentarem ansiedade, depressão, diminuição da capacidade de análise e conduta criminal violenta.

Logo, as agressões físicas em crianças deixam seqüelas sérias em sua personalidade, refletindo inclusive em suas relações adultas, pois podem se tornar indivíduos com graves problemas de vinculação.

Duarte e Arboleda (1997) relatam que “as crianças brutalmente agredidas podem apresentar atitudes infantis para suas idades, forte sentimento de inferioridade ou grande necessidade de agradar, apresentando choro sem causa, baixa libido, tiques nervosos, manias, agressividade, dificuldade de confiar em outras pessoas”.

Como se vê a dor não educa, apenas interrompe por breves períodos o comportamento indesejável da criança. Logo, castigos físicos não são educativos, pois violam o direito à dignidade e compromete o **desenvolvimento físico, psíquico, social, afetivo e intelectual das crianças**.

3 VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS UM CICLO QUE PERPASSA GERAÇÕES.

3.1 A ideologia da eficácia dos castigos físicos

A violência contra crianças é uma cultura deformada, herdada dos colonizadores que imprimiam castigos físicos como forma educativa para crianças, escravos, índios e mulheres, sacralizando a violência física contra crianças até os dias atuais

Conforme Ramos (2000) é difícil para os adultos atuais, reconhecerem que foram vítimas de seus pais, descontrolados, intolerantes, injustos, violentos.

Segundo Ferrari e Vecina (2000) a violência física representa a utilização da força física excessiva é inapropriada.

Para Duarte e Aborela (1997) Violência física é o fracasso dos pais na realização de suas tarefas.

Porém, sabe-se que a história de aprendizagem dos pais interfere na formação dos filhos, já que e seus pais são seus primeiros ensinantes, e trazem modalidades que aprenderam com seus próprios pais, os quais, também sofreram interferência dos seus ensinantes, num ciclo contínuo, onde cada geração imitando a anterior revisa ou

adapta, sua herança cultural e desta forma influencia as gerações seguintes na prática da violência.

AUSUBEL, O. P. Novak & HANESIAN N. H (1983) defendem a idéia que a aprendizagem significativa ocorre quando as novas informações e conhecimentos relacionam-se de maneira não-arbitrárias

Percebe-se então, que a forma como as pessoas importantes para a criança a tratam, serve de base para sua convivência social e isto intervem na forma como o sujeito se vê, enquanto aprendente, pois seus pais ocupam o lugar de espelho, onde a criança agredida se vê.

3.2 O contexto mais comum da violência contra as crianças

Conforme relato das vítimas, os agressores mais freqüentes são as mães, logo depois o pai, o padrasto ou madrasta, os tios e parentes próximos, num ciclo de violência sem fim.

Em relação aos sentimentos mais freqüentes as crianças relataram: medo, Revolta, Indiferença, perplexidade, vazio, tristeza, fracasso, dor, ódio, humilhação, vontade de fugir, impotência, hostilidade, imobilidade, silêncio, culpa e sentimentos de vingança.

Sabe-se que no tocante ao ambiente, na percepção das crianças, foi relatado ser ambientes ameaçadores, assustadores, invasivos e desrespeitosos.

As culturas são produzidas pelos grupos, ao longo da história, tanto na sua organização social e política, quanto nas relações com os outros grupos e para que as sociedades nascentes vivam com integridade física e mental é necessário um olhar **transpessoal** que elimine a discriminação, o preconceito e a violência contra as crianças e possamos viver em paz e harmonia, nos ambientes de convivência como a família, na escola, nos esportes e na sociedade em geral.

A Violência contra a criança é um ato de intimidação terrorista, que se expressa na negação da liberdade física ou psicológica do outro, é uma forma de relação social

atrelada ao modo como as classes sociais expressam suas relações interpessoais tornando sujeitos em objetos.

Violência é positivismo na sua mais pura essência. E é um elemento vivo e significativo, tanto no bairro citado, quanto na sociedade contemporânea como um todo.

A banalização da violência contra as crianças é respaldada pela sociedade, que na verdade não avalia como deve, as dimensões da violência física e psicológica das crianças de várias faixas etárias e sociais, mas em especial das classes menos favorecidas.

3.3 A violência e as classes sociais

A violência existe em todas as classes sociais, entretanto, não é fácil ser criança e viver num contexto histórico permeado de problemas, onde as comunidades apresentam um elevado contingente populacional de baixa renda e conviver num contexto histórico de extrema pobreza, convivendo com situações precárias de higiene, habitação e educação, aliada aos modelos parentais agressivos ou a existência de alcoolismo, drogadição, prostituição, criminalidade, falta de segurança e tráficos.

São muito sérios os problemas enfrentados pelas comunidades infantis que vivem no bairro Mandarin em Salvador, aliada aos modelos agressivos e alienados dos seus pais que os expõem a alto risco, a socialização familiar deformada, com agressões diárias e constantes que torna as crianças vítimas desta desestrutura social desigual e perversa.

Portanto, a infância guarda semelhança em qualquer contexto, mas ser criança nas zonas periféricas, de alta pobreza, conviver em situações de risco, com baixo índice de desenvolvimento humano, possuir dificuldade de habitação, alimentação, saúde e educação, não é a mesma coisa que ser criança que convive com o conforto de uma família bem estruturada e equilibrada emocional e economicamente.

Para Guerra (1988) “Muitas crianças morrem em hospitais sem explicação plausível, mas seus agressores alegam quedas e escorregões, para omitirem suas responsabilidades, mas na verdade trata-se de castigos físicos e psicológicos terríveis, impetrados contra as crianças e redundam em seqüelas e até em óbito”.

Um verdadeiro paradoxo no qual quem deveria protegê-las são seus principais predadores e algozes e a maioria dos casos deixam de ser notificados e apurados por falha do sistema.

3.4 A família nuclear e a ideologia do tapa estruturante

A evolução da família não ocorreu de forma linear, cada cultura prevalente, ofereceu sua contribuição singular para a família da atualidade. A nova família não é somente constituída de pai mãe e filhos, a família moderna está transformada e gastada de forma diferenciada.

Porém, também ela encontra grande dificuldade para impor limites e regras aos seus filhos sem alterar a voz, gritar ou castigá-los fisicamente, muitos dos responsáveis, não conseguem coordenar horários de brincar, de estudar, de dormir, nem acompanhá-los no uso da tecnologia e a maioria deles, não fazem idéia do que suas crianças acessam na Internet diariamente.

A agravante é que grande parte da população considera o castigo físico educativo e indispensável na educação da criança e afirma-se que a palmada **dada com amor é educativa**, alguns teóricos da psicologia também reafirmam que um tapinha pode ser estruturante.

A música “**Um tapinha não dói**”, da banda **Bonde do Tigrão** e grande parte da população brasileira, está **totalmente equivocada**, um tapa, uma chinelada, uma palmada, um beliscão, um bolo com palmatória, dói sim, dói muito e são aplicados com intuito de causar dor física na criança e dependendo da intensidade, podem machucar e até matar, pois para algumas pessoas o bater fascina e não se tem o domínio sobre a hora certa de parar de bater.

Mesmo que para alguns teóricos, **um tapa** possa ser estruturante, em certas ocasiões, profissionais que trabalham com crianças agredidas, tipo professores, pedagogos, terapeutas, psicólogos e assistentes sociais se deparam com quadros nada estruturantes, chegam até a ser chocantes.

Muito embora tenha sido aprovada a lei 2.854/ 03 que proíbe o castigo físico em crianças, o artigo 227 da constituição Federal de 1988, que consta que tais profissionais têm obrigação de denunciar o fato, e o art. 245 do **ECA** 1990, (Estatuto da Criança e do Adolescente) responsabiliza estes profissionais configurando como infração administrativa e multa de 20 salários referência em caso de omissão, porém, tais profissionais muitas vezes são submetidas ao sigilo profissional ou optam em manter o silêncio por medo de represálias dos algozes.

Por esta razão, nosso estudo pretende demonstrar a importância de um olhar mais especializado, mais humano e transpessoal para as questões dos castigos físicos na infância. A criança não nasce civilizada, é dominada pelos impulsos de prazer e se sentem onipotentes, acham que tudo sabem e tudo podem e para que possam entender a realidade e conviver em sociedade, precisam aprender a se tornarem civilizados e para que isso aconteça, a autoridade dos pais é indispensável, as proibições e as regras devem ser ensinadas negociadas e sempre sancionadas quando transgredidas.

3.5 Um modelo holístico de educação

O presente trabalho defende modelos preventivos, onde não são necessários castigos físicos, mas sanções pedagógicas onde a criança aprenda a lidar com as conseqüências de seus atos e comportamentos. A criança deve entender o por quê das **medidas de contenção e das sanções** e não apenas ser espancada por seus familiares como forma educativa.

Ensinar a uma criança é torná-la civilizada e isso pressupõe respeito aos pais, aos professores e a sociedade como um todo. Se a criança insistir em transgredir, as medidas de contenção devem ser acionadas e cada genitor deve dosar as sanções de acordo com a gravidade do delito, pois como a criança irá compreender a importância de uma regra, se transgride e não sofre medidas de contenção?

As medidas de contenção são provas de amor dos pais, a criança sente sua firmeza, seu respeito, sua constância e convicção de sua autoridade, diferentes das surras ineficazes.

Em hipótese alguma, pretende-se defender modelos permissivos, nem insinuar que pais devam ficar reféns de atitudes totalmente covardes diante da indisciplina, da rebeldia e da tirania dos seus filhos, que crescerão com a idéia falsa e perigosa de que podem fazer o que bem entenderem e ainda gozarem da impunidade de seus pais.

Pais precisam de autoridade, firmeza e disciplina, ensinada e mantida para que a criança possa alcançar autonomia e resultados sociais saudáveis, entretanto, firmeza difere muito de permissividade, de tirania, de agressividade ou de perversidade.

Adultos que surram crianças, geralmente porque perderam o controle de sua raiva, indicando que possuem baixo quociente emocional, são frágeis e não sabem educar, pois a primeira coisa em educação é ensinar a uma criança que devemos respeitar ao próximo. Os erros cometidos por uma criança são ocorrências inevitáveis na sua aprendizagem, devem ser considerados relevantes, pois é indicador de onde os pais devem atuar.

O papel dos pais diante de um “**erro**”, não pode encerrar-se apenas numa surra, numa mordida, numa queimadura, deve ir além, deve-se usar métodos que façam seu filho um ser inteiro, capaz de enfrentar e vencer na vida, sendo responsável por suas escolhas.

Educar não é fácil, não é simples, é uma tarefa das mais complexas, mas a forma como a educação é feita, influencia para sempre a personalidade dos filhos. Por essa razão tem que haver equilíbrio entre os controles, as exigências e a autoridade, justiça e equilíbrio entre a flexibilidade, o afeto, o amor e a responsabilidade, para melhor se obter sucesso educativo.

É preciso observar porque a criança errou, qual a natureza do erro, pais hábeis fazem dos erros, elementos construtivos na educação, em vez de surrarem seus filhos e os desestimularem os direcionam e motivam. Surrar os filhos faz parte de um passado onde o medo era mais eficaz que o amor e o diálogo.

Surrar os filhos, na maioria das vezes demonstra o desejo inconsciente dos pais de afirmar sua autoridade, negando as necessidades internas das crianças, quando a situação entre a criança e seus pais ficou insustentável e pode tornar-se um caso crítico, onde a criança reage a tudo que signifique autoridade, tornando-se uma ameaça para si mesma e para a sociedade.

A criança também pode tornar-se amedrontada e incapaz de reagir, vendo em tudo e em todos, seus pais severos e críticos, que irão a qualquer momento surrá-los. Provavelmente será um adulto tímido, amedrontado, submisso, passivo, sem iniciativa e com suas capacidades limitadas. A violência não constrói respeito na relação, muito pelo contrário.

Filhos agredidos podem também se identificar com seus agressores, colocando nos outros toda sua carga de agressividade e impulsos destrutivos ou voltarem a

agressividade para si mesmos se colocando em situações de risco ou apresentando doenças e auto agressões.

Crianças só avançam na compreensão do seu mundo, errando e aprendendo. Se a criança errou, é sinal que o adulto deixou brechas em sua educação, faltou comunicação, informação, orientação, diálogo ou não se fizeram entender de forma adequada.

Portanto, em vez de agredir os filhos, é preciso mudar a estratégia da pedagogia e refletir onde se está falhando. Pedagogicamente o adulto que agride uma criança é inábil, injusto e covarde, pois se aproveita de sua “**superioridade**” para ser desagradável e criar seqüelas físicas ou psíquicas em seus filhos, algo que jamais será esquecido por eles.

É difícil educar uma criança, mas é preciso. Toda criança precisa pertencer a uma civilização e educar-se é conhecer a si mesmo é tornar-se consciente e mestre de si mesmo e escolher seu próprio destino, é escolher o que gostaria de ser.

Educar é despertar na criança em sua totalidade, sua verdadeira essência e fazê-la atuar no centro do seu ser, jamais faremos isso agredindo ou violentando a criança. Pais conscientes educam a emoção e trabalham a sinceridade. Educam a mente e trabalham a verdade, pois o ser humano é consciência corporificada que se manifesta através de múltiplas dimensões.

Nosso Ser ou nossa Essência é inconsciente em nós é necessário despertá-la por meio do treinamento da escuta e das vivências cotidianas, pois é a presença da consciência que propicia o livre fluxo da Energia no campo multidimensional humano, os pais e educadores podem ser portanto, canal de cura e alegria.

As crianças trazem todo o potencial humano guardado em seu interior, como sementes. Esse delicado reservatório precisa, no entanto que condições sejam criadas para que possa desabrochar por inteiro.

Esse despertar das potencialidades afetivas, cognitivas e motoras vai se desenvolvendo numa seqüência cronológica desde o nascimento e os pais precisam ter um olhar diferenciado, precisam ver, olhar e escutar de fato para seus filhos, para que possam atender as necessidades reais da criança e possam através do apoio, estimular a aquisição de habilidades e competências.

A postura diante da criança deve sempre ser a de a escuta, de atenção, livre de conceitos e pré-conceitos. Temos que nos colocar no nível da criança e adotar uma postura receptiva para poder ouvi-la e entendê-la.

É necessário também estarmos atentos aos nossos sentidos, ao nosso corpo, pois a linguagem que a criança compreende melhor é a da expressão corporal, a do gesto. Na maioria das vezes nós adultos estamos distantes desta realidade, dizemos uma coisa e nosso corpo diz outra totalmente diferente.

É importante que se possa ensinar as crianças, as tradições saudáveis, mas o fundamental é a postura de escuta, estar aberto, disponível, atento, em contato. Olho no olho, mão estendida. O que a criança quer é nossa presença, isto a acalma e lhe dá segurança. Um contato real, um colo verdadeiro, bem diferente dos castigos e surras.

Corpo é o lugar de aprendizagem, é com o corpo, com suas sensações e com as experiências motoras que a criança, vai poder criar conceitos abstratos sobre o mundo e as coisas, uma criança invadida e desrespeitada em seu físico, tem experiência destorcida do mundo que a cerca e seu corpo memoriza para sempre as agressões e invasões.

Muitos filhos por terem aprendido a linguagem da dor, em certos momentos parecem provocar e exigir castigos, talvez por se sentirem culpadas, ou por sentimentos agressivos em relação aos pais, cabe aos pais descobrir o porquê da ansiedade, o mais deplorável é que as agressões, não atingem nenhum propósito, não apresentam resultados a longo prazo, não educam, não tornam os filhos eficazes e felizes e muitas vezes deixam os pais com muito remorso. Portanto, agressões são totalmente inúteis.

Logo, nas relações interpessoais entre pais e filhos deve-se ter sempre em mente que cada um é um universo de possibilidades e a educação eficaz deve ser de auto-regulação, um processo de interação e transformação e **não um método arbitral**.

Observa-se que a autoridade dos pais é indispensável para a formação do caráter sadio dos filhos, mas não podemos confundir autoridade com autoritarismo, em qualquer tipo de relações o autoritarismo é sempre nefasto.

Os pais são responsáveis por ensinar a criança a reconhecer, controlar e lidar com sentimentos que o acompanharão para sempre, a criança que não encontra apoio em seus pais, tende a substituir essa carência em outras fontes, muitas vezes perigosas, como as drogas.

3.6 O Pacto de silêncio respaldado pela sociedade

Os relatos das crianças entrevistadas mexem muito com nossa **criança interna**, pois essas pequenas vítimas são obrigadas ao **pacto do silêncio familiar**, que favorece a perpetuação do abuso, esse pacto é mantido tanto pelos agressores e vítimas, quanto pelos demais membros da família, por medo, pura omissão ou conveniência, é extremamente nefasto na vida da criança.

Martin Luther King disse certa vez num discurso: “que a perversidade dos algozes é menos assustadora que o silêncio dos bons”.

Portanto, não tem nenhum sentido agredir a criança fisicamente, é uma prática abominável, uma transgressão do poder, uma negação da liberdade da criança, um processo que coage a criança a satisfazer as necessidades, interesses e expectativas do adulto, por isso mesmo um abuso de poder.

3.7 Reações defensivas das crianças agredidas

Algumas crianças agredidas desenvolverem como defesa comportamentos que se assemelham à patologia, não choraram durante as agressões, riem e desafiam os agressores dizendo: não doeu, pode bater mais, não faço, mesmo que me mate, prefiro apanhar, sinalizando assim, total desrespeito ao próprio corpo e facilitando atitudes de descontrole dos adultos.

Recentemente o Brasil se escandalizou com a morte de uma criança atirada da janela, do 6º andar por seu próprio pai. No caso, a mídia fez sensacionalismo em busca de audiência.

Porém, a comoção social foi justamente porque este fato mexeu muito com o inconsciente coletivo. Entre quatro paredes muitos brasileiros foram vítimas de seus pais biológicos ou adotivos, de seus padrastos e madrastas, tios e parentes, que permaneceram impunes até o presente.

A perplexidade deste caso revelou também que os fundamentos da vida em família estão abalados, é preciso revisão, pois em nossa sociedade, a família ainda representa o contexto em que se dá o desenvolvimento infantil e os pais são responsáveis para que cresçam e se desenvolvam de maneira saudável.

Se este caso gerou tanta inquietação no fundo da alma dos brasileiros, nos alertou também que a violência não está só nas balas perdidas das esquinas, nos assaltos ou nas drogas, em muitos lares muitas crianças indefesas não podem confiar em seus

próprios pais ou responsáveis, que diariamente praticam humilhações, torturas, perversidades, abusos e crueldades contra seus próprios filhos.

3.8 A memória corporal

Levine (2000) e suas informações do Somatic experiencing, assim como Roger Woolger, autor da Terapia de Memórias Profundas, deixam claro que existe uma **memória corporal ontogenética e filogenética** onde estão concentradas todas as particularidades individuais e as impressões psicossomáticas e psicodramáticas do ser humano.

Portanto, o corpo é um aspecto importante do ser e possui **memórias profundas**, é a referência física do sujeito que **quando agredido, negligenciado ou invadido**, fica comprometido para sempre em sua corporalidade e pode permanecer desestruturado e apresentar sintomas sérios, que se aproximam de patologias.

Almeida (1998) ” considera que é pelo corpo que o **Eu**, expressão psicológica do ser global, integra-se em seus vários níveis, emocionais, intelectuais e vivenciais. Nele o ser habita e com a morte biológica desaparece ou transcende, a vivencia do corpo é a vivencia dos impulsos, sentimentos, pensamentos, movimentos e consciência do ser e no caso das crianças agredidas, o corpo encontra-se silenciado pela violência. desta sorte, não temos o direito de agredir o corpo de uma criança, surra-lo, feri-lo ou invadi-lo”.

4-BRINCAR: ATIVIDADE FUNDAMENTAL E ESTRUTURANTE

4.1 Criança gosta e precisa brincar

Entrevista com as famílias do bairro de Mandarim aponta que os motivos mais corriqueiros para agressões às crianças são:

- a) A criança é teimosa
- b) A criança permanece na rua sem autorização
- c) A criança não quer realizar tarefas domésticas
- d) **A criança gosta de brincar.**
- e) A criança não quer estudar

Alguns adultos têm dificuldade de reconhecer o direito da criança de brincar e que o trabalho da criança deve ser simplesmente pequenas tarefas como forrar sua cama, guardar seus brinquedos, estudar e brincar e não devem exercer tarefas que são próprias de adultos.

Em todas as partes do mundo mesmo nas mais terríveis condições de dificuldade e pobreza toda criança gosta, quer e precisa brincar. É brincando que a criança organiza seu mundo, domina papéis e situações e se prepara para o futuro.

O brincar é uma atividade fundamental e estruturante para o desenvolvimento psicossocial da criança é uma forma de linguagem muito interessante, pois enquanto se brinca, vai-se apropriando de esquemas corporais, culturais e imaginários e entendendo-se o mundo dos adultos.

Toda criança precisa e deve brincar, processo no qual aprendem e trocam entre si suas dúvidas, angustias e hipóteses sobre os diferentes assuntos do mundo. Quando brincam, não estão mentindo, ou se omitindo, estão descobrindo possibilidades de resolver problemas e criando relações interpessoais estruturantes.

Prejudicar o momento de brincar que é extremamente importante para a criança, substituindo-o por **“trabalhos”** ou **“surras”** é uma violência enorme contra as crianças que adoram colaborar, desde que sejam estimulados e não surradas.

O documentário **“Falcão e os Meninos do Tráfico” da Rede Globo**, revelou crianças pequenas, brincando de ser traficantes, **“atirando”** e **“matando”** de brincadeira seus amiguinhos, numa prova concreta que as crianças imitam o que ocorre no ambiente adulto.

Portanto, o mundo externo da criança, pode ser revelado e comunicado para outras pessoas através das brincadeiras, além de permitir as interações, permite a criança entender e se apropriar das múltiplas formas de pensar da sociedade onde vive, é muito comum, crianças que crescem apanhando, surrarem suas bonecas, imitando seus genitores na brincadeira.

Certas brincadeiras amadurecem algumas competências para a vida coletiva, através da troca de papéis sociais, do uso de regras e da disciplina, como no caso do **“babinha” de rua**.

É claro que a criança não deve e não pode ser totalmente livre para fazer o que bem quer e entende, o adulto pode e deve fazer tratados, colocar limites, educar, mas é preciso auto domínio e maturidade para não se tornar abusivo, maltratando seu filho com educação violenta.

4.2 Trabalho de criança deve ser estudar e brincar

Algumas crianças são surradas porque rejeitam a **delegação de tarefas domésticas**, o problema é que estas, podem estar além de sua capacidade motora ou de sua compreensão. Conforme Emilia Ferrero, toda criança passa por um momento de prontidão que a capacita a classificar, ordenar e temporalizar.

Portanto, sem ter adquirido o desenvolvimento desta função que a capacita a compreender e se apropriar dos diversos conceitos, a criança não estará pronta para exercer funções que são próprias para adultos. Não adiantará surrá-la, a criança não estará pronta para exercê-las.

Crianças podem e deve ferrar suas camas, guardar os brinquedos, arrumar a mochila, guardar os livros . Mas passar ferro em roupa, cozinhar, lavar a roupa da casa, fazer mercado, são tarefas para adultos.

Crianças que ainda não estão prontas devem ser formadas e resgatadas como sujeitos e isso requer tempo, amadurecimento e superação da alienação coletiva a respeito da violência contra as mesmas.

4.3 Inteligência Interpessoal e o enfrentamento de conflitos

Para Ferrari e Vecina (2002) “ As informações sócias educativas destinadas às crianças serão fornecidas pelos adultos de acordo com as experiências vividas por eles. Uma mãe ou pai educado de forma rígida, trás consigo informações determinantes quanto a educação empregada aos seus filhos. Tornando-se severos demais ou permissivos”.

Portanto, crianças solidárias e pacíficas têm a ver com características múltiplas e complexas intimamente ligadas ao conceito de inteligência emocional e interpessoal. Tem a ver com ambientes de respeito, amor, onde são ouvidas e compreendidas. Agredir uma criança significa negar o conflito, que é um fato natural à vida, viver em sociedade implica no **enfrentamento de conflitos**.

Pais que não ensinam a criança a administrar os conflitos fazem dos mesmos seres robóticos, submissos, subservientes e amedrontados diante da vida, não sabem enfrentar, angústias, temores e seus conflitos. O que adianta sermos robôs bonzinhos? Se perdermos nossa individualidade, nossa vontade, nossos anseios e ideais?

Os jovens que não foram orientados por seus pais a enfrentar os conflitos ficam confusos diante dos problemas e buscam alternativas fugindo se si mesmos, para um mundo neurotizante, entorpecendo-se de drogas, curtições sonoras, alcoolismo, sexualidade exacerbada, prostituição, perdendo sua capacidade de pensar, sentir, perceber e ouvir.

Muitos pais não têm a consciência que seu modelo educacional é alienado e que aliado a outras vertentes são responsáveis pelos filhos irem buscar alívio para seus conflitos numa gama de falsos valores que proporcionam alívio apenas à curto prazo.

Num mundo violento, onde a há brutal concentração de rendas, uma imensa massa de excluídos que vivem abaixo da linha de pobreza, uma desigualdade social ímpar, devastação dos recursos naturais, poluição, grave mudança climática, crime globalizado, os filhos ficam expostos a traumas marcantes, por isso desde cedo precisam aprender que são capazes de fazer seus próprios julgamentos sobre o que é

certo ou errado no contexto onde vivem, pois nem sempre os pais estarão por perto para puni-los quando errarem.

É preciso educá-los para a autonomia e inteligência interpessoal, no caso de rasgarem uma bola do colega é muito mais educativo faze-lo restitui-la, pois conduz a responsabilidade à longo prazo. A surra, O tapa, o castigo, o beliscão, têm efeito de curta duração, **não educam para a vida.**

Portanto, urge uma reflexão profunda e transformadora sobre o assunto, pois a violência nega os direitos universais de liberdade e vida e a construção de uma conscientização social em relação ao tema.

No dia-a-dia somos encorajados nas trocas sociais a sermos truculentos, autoritários, arbitrários, invasivos, violentos, manipuladores e convictos que os conflitos se resolvem com violência, tecnologia, crescimento econômico ou práticas ostensivas que nos permitam estar no poder.

É hora de frearmos essa herança maldita que alastra ônus de sofrimento por gerações. Acabar com esse modelo de força bruta nas relações pessoais que gera distanciamento, culpa e tristeza, pois vivemos num mundo alienante que de forma inconsciente perpetua através das crianças um sistema de dominação, coerção moral e emocional arcaico e devastador.

Um sistema que obriga as crianças a ocultarem seus conflitos, valores, diferenças e necessidades em favor da razão apoiada na força, na ameaça, na manipulação e na coerção, não pode formar ninguém feliz.

Esse grau de violência interna nos torna alienados e anestesiados para a violência que perpassa gerações e embrutece nossa capacidade de enxergar com clareza o que está ocorrendo conosco e com o mundo, a violência torna-se banal, pois o medo sobrepõe-se à crítica.

Violentados, somos estimulados a não reconhecer em nós mesmos e nos outros os sentimentos de paz e não aprendemos a nos conectar com nosso Eu Superior, gerando cada vez mais desarmonia no mundo, pois estamos reféns de padrões cristalizados e perpetuados por milhares de anos.

Necessário se faz um modelo de educação nos lares, baseado na escuta, na experimentação responsável, no exercício real da tolerância e no compartilhar de saberes livres de punições físicas, onde a criança possa exercer seu direito de ser cidadão digno e possa mostrar que simplesmente é humano.

Pais e filhos precisam e devem resgatar a auto-estima e auto confiança nas relações, melhorar a administração das frustrações e a comunicação, desenvolverem a ética e a empatia na construção de suas relações e antes de mais nada, sentirem vontade de mudar conceitos e quebrar velhos paradigmas.

A missão de cada família é trabalhar em prol de uma nova visão para a construção de uma nova consciência planetária e no esforço coletivo de entender e trazer à tona o lado arquetípico sombrio de cada um de nós, pois somente com o entendimento e conscientização de nossa sombra e de sua integração à totalidade, será possível a recanalização desta energia que nos conduzirá ao processo de individuação e maturidade.

Quando integrarmos nossas sombras, seremos sim cidadãos insatisfeitos por natureza, que não cansa de buscar, lutar, aceitar o que é bom e rejeitar o que nos faz mal, marchando para a individuação e vencendo os desafios do mundo, pois não somos peças de uma engrenagem a ser manipulada, somos seres humanos.

A verdadeira aprendizagem ocorre quando os aprendizes estão diante de um problema a resolver que os possibilitem refletir, inferir, estabelecer relações, processar e compreender as informações e transformações. Aprendizagem é a construção interna

do sujeito, um trabalho de significação e ressignificação constante, por isso as agressões diárias serem tão perigosas.

5 CONCLUSÃO

Concluimos que educar é ajudar a criança a se desenvolver, para obter competência e sucesso, não bastam o chinelo, a palmatória, ou o cinturão, é preciso muito mais.

O mundo necessita urgente de um olhar transpessoal para as crianças, um olhar que entenda o que as crianças querem transmitir através de suas expressões do olhar, da linguagem corporal, dos medos, das dificuldades, da timidez, da birra, da agressividade, dos erros, pois as crianças se espelham em nós e repetem nossos padrões.

O mais importante na educação da criança não é treiná-la a **obedecer a regras** ou pessoas que estão no poder, mas que sejam capazes e autônomas para fazerem julgamento do que é certo ou errado no mundo que a cerca e que possam superar obstáculos com eficácia.

Os fatos relatados neste trabalho implicam na implementação de uma abordagem transpessoal para ajudar na transformação desta realidade chocante e ajudar as pessoas a fugirem de suas prisões, condicionamentos e preconceitos.

Introduzir o modelo holístico na educação doméstica é ajudar aos pais a entenderem que agredir para educar é uma programação intensa e destorcida, aprendida com seus pais, sociedades e religiões, que as acompanham ativamente quando suas expectativas internas são frustradas e as fazem ter sentimentos negativos contra as crianças. Essas intensas programações são aliviadas com agressão contra seus filhos **embrutecendo sua razão e sensibilidade.**

Crianças não precisam apanhar e sim ter limites, regras claras e brincar, para entenderem com o simbólico e com pais compreensivos o que o mundo adulto pretende dizer.

Crianças captam tudo ao seu redor, sua percepção é muito aguçada e seus pais são o seu espelho, reproduzem na sociedade tudo o que aprenderam com eles, perpetuando o ciclo de violência na sociedade.

Crianças são frágeis e sensíveis, precisam de carinho, amor, atenção e proteção dos seus pais. Seu corpo é o primeiro vínculo a sentir o afeto ou a invasão da agressividade, pois seu corpo possui memória.

A violência contra crianças é um problema de saúde coletiva e não há dúvidas, que sua ocorrência é maior nos bairros periféricos das grandes cidades, embora esteja presente em toda parte.

O complô do silêncio contribui para que a sociedade continue sua omissão e não proteja devidamente suas crianças. Um método arbitral, permeado de castigos impetrados por adultos tiranos, covardes, agressivos ou perversos que no afã de disciplinar, promovem crueldades ou até a morte de suas crianças.

Não existem modelos educacionais ideais, mas aquele em que as relações interpessoais entre pais e filhos são um processo de interação, empatia e justiça são mais eficazes.

Frente ao paradigma holístico que se instalou no mundo, a questão da violência contra crianças é o grande desafio para a sociedade moderna e para a família enquanto instituição, pois a violência física em crianças está intimamente ligada à violência social atual.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Maria Amélia. **Mulheres espancadas : a violência denunciada.** São Paulo: Cortez, 1985
- AZEVEDO, Maria Amélia e GUERRA. Viviane Nogueira Azevedo. **Pele de asno não é história.** São Paulo: Cortez, 1995
- BOFF, L E MURRARO,R. **Feminino e masculino uma nova consciência para o encontro das diferenças.** Rio de Janeiro: Sextante, 2002
- CALL, Vera Lúcia Lamanno.. **Terapia Familiar e de Casal.** São Paulo: Summus,1987
- AZEVEDO, M.A e GUERRA V.N.V . **Violência doméstica na infância e na adolescência .** São Paulo: Robe Editorial, 1997
- DUARTE, J.C e ARBOLEDA, MCR. **Malos Tratos y abuso sexual infantil.** Madri: Siglo Veinteuno de Spanã, 1997
- FERRARI, Dalka C.A. e VECINA. Tereza C.C. **O fim do silêncio da violência familiar.** São Paulo: Agora, 2002
- FONSECA, Filho J.S. **Psicoterapia das relações.** São Paulo: Agora, 2000
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e a Senzala.** 25ªed Rio de Janeiro: José Olímpio , 1987
- GOMIDE, P. **Pais presentes, pais ausentes.** Petrópolis: Vozes, 2004
- GOLLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional.** Rio de Janeiro Objetiva, 1996
- GUERRA, Viviane Azevedo. **Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada.** São Paulo Cortez, 2000
- LEVINE, Peter A. **O Despertar do Tigre.** 2ª ed São Paulo: Summus, 2000
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo, Cortez: Brasília, 2000
- NEVES, MFR. **Violência Contra Crianças no Século XIX. IN O Estatuto da Criança e do Adolescente, uma problemática de todos nós.** São Paulo, Revista brasileira Crescimento e Desempenho ano II, nº 1 Junho 1992

PENTEADO, Jr W. **Os filhos de Lobato, o imaginário Infantil na ideologia dos adultos**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997

POZO, Juan Ignacio. **A solução de problemas, aprender a resolver, resolver para aprender**. Porto Alegre: Artmed 1998

RAMOS, G. **Infância**. 17ª ed Rio de Janeiro: Recorde, 1981

SOARES, Bárbara.M. **Mulheres Invisíveis**. Rio de Janeiro: 1999

TIBA, Içami. **Quem ama educa**. São Paulo: Gente, 2002

TIBA, Içami. **Limites na Medida Certa - Novos Paradigmas**, São Paulo: Integrare, 2006